

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS LIBERTÁRIAS EM GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS E NOVAS PROPOSIÇÕES DIDÁTICAS PARA O ENSINO AUTÔNOMO



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Autor: FERNANDO ZANARDO < FERNANDO.ZANARDO@IGE.UNICAMP.BR >

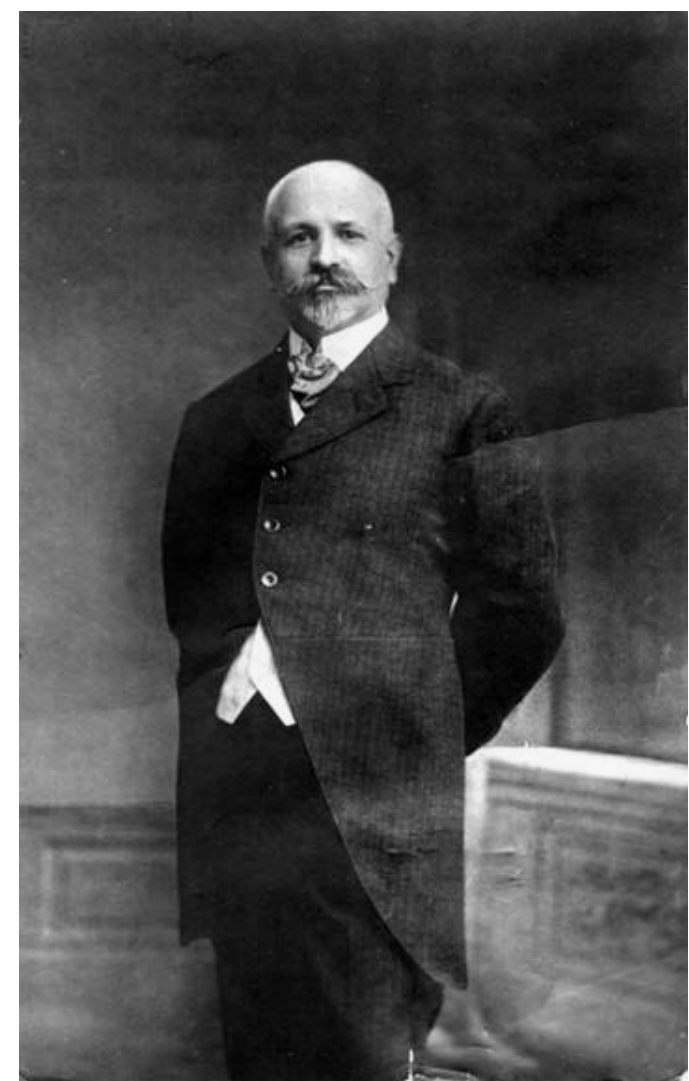
Orientador: PROF. DR. VICENTE EUDES LEMOS ALVES < VEUDES@IGE.UNICAMP.BR >

Agência financiadora: CNPq/PIBIC

Palavras-chave: GEOGRAFIA, ANARQUISMO, EDUCAÇÃO.

Introdução

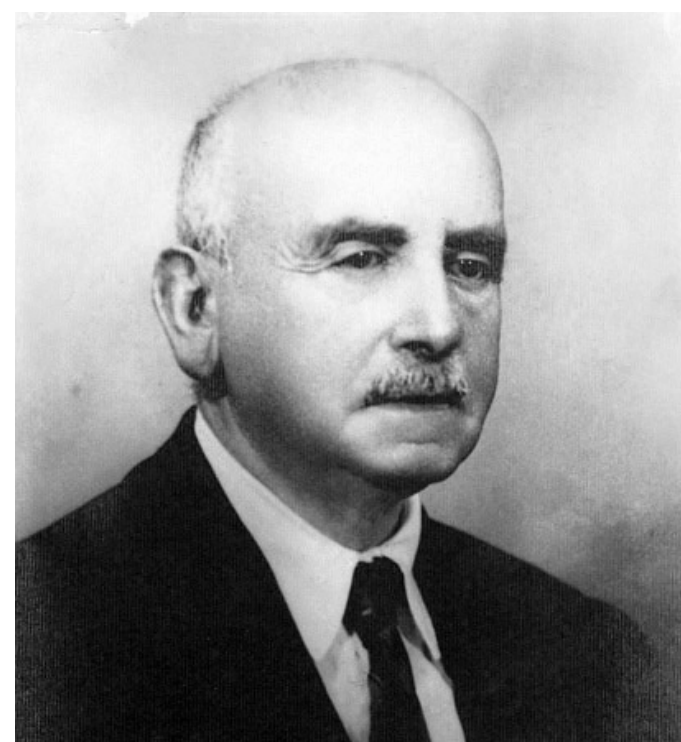
Movidos pela constante crítica ao atual sistema de ensino – principalmente no que diz respeito à sua concepção e reprodução –, buscamos ampliar os horizontes metodológicos na área de Educação ao resgatar práticas de ensino anarquistas, com destaque para a disciplina de Geografia. Esforçamo-nos em concentrar nosso debate naquilo que se refere aos métodos de ensino e suas problematizações, uma vez que os anarquistas tentaram desenvolver uma Pedagogia própria, verdadeiramente livre e combativa, que seguiria uma direção distinta àquelas das escolas mais tradicionais que se faziam presentes desde então. Para tal, focamos nossa análise às experiências da *Escuela Moderna* de Barcelona (1901-06), idealizada por Francesc Ferrer i Guàrdia, e da Escola Moderna nº1, que funcionou no bairro do Belenzinho, em São Paulo (1912-19), sob a direção de João



Francesc Ferrer i Guàrdia: catalão idealizador da Escuela Moderna de Barcelona.

Apesar do discurso não excludente, tais escolas atenderam principalmente à população de mais baixa renda, filhos de operários, geralmente atrelados a movimentos reivindicatórios e que, portanto, não possuíam anseios em matricular suas crianças nas instituições de ensino particulares (atreladas à Igreja) ou públicas (Estado). Além disso, o trabalho infantil constituía-se numa prática comum, uma vez que a condição de vida precária e a exploração violenta do patrão sobre o trabalhador, distribuindo a esses últimos pagamentos minguados, acabavam por forçar o ingresso das crianças no mundo do trabalho muito precocemente para conseguir garantir a sobrevivência de sua família. As escolas anarquistas trariam a preocupação do desenvolvimento individual por completo, tanto no âmbito intelectual como no físico e moral. Para tal, iria se valer dos exemplos de injustiças sociais e cerceamentos de liberdades infringidas por parte das instituições e mecanismos de controle.

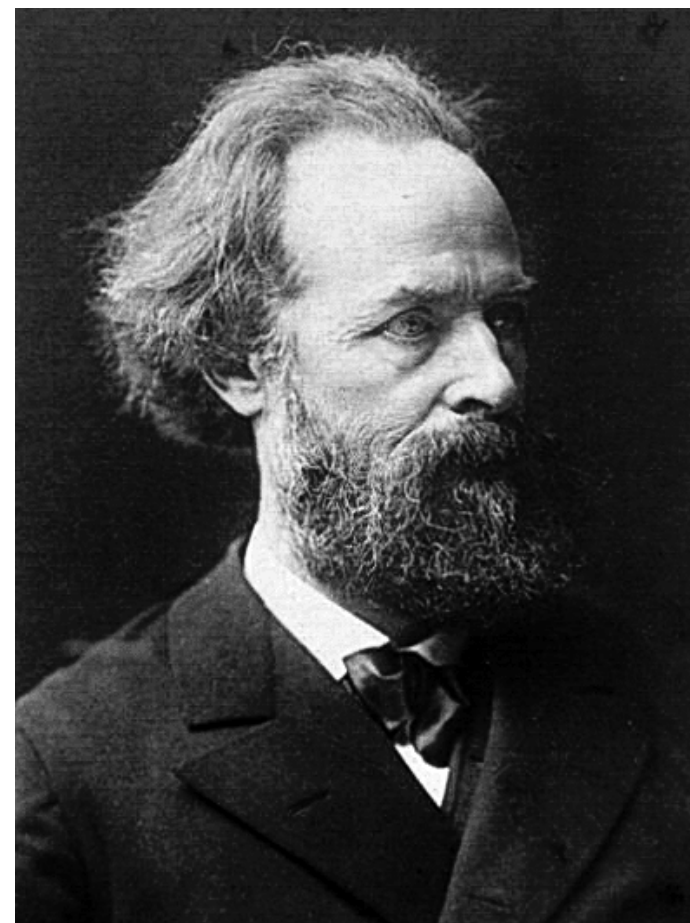
Sabe-se que as primeiras escolas anarquistas do Brasil datam do término do século XIX e início do XX. Será neste período, juntamente com o acréscimo do contingente populacional imigrante, que surgirá a Escola Moderna nº1, seguindo os preceitos de Francesc Ferrer. Esta experiência foi responsável pela publicação de periódicos (o *Boletim da Escola Moderna* e o jornal *O Início*), servindo tanto como veículo de propaganda revolucionária como um meio de informação e educação à comunidade obreira. Serão as escolas anarquistas as primeiras a introduzirem, no Brasil, os trabalhos de campo, principalmente devido à influência do ideário e da produção científica do geógrafo Élisée Reclus, que manteve diálogo com Ferrer quando da criação da *Escuela Moderna* de Barcelona.



João Penteado: criador, diretor e professor da Escola Moderna nº1, em São Paulo.

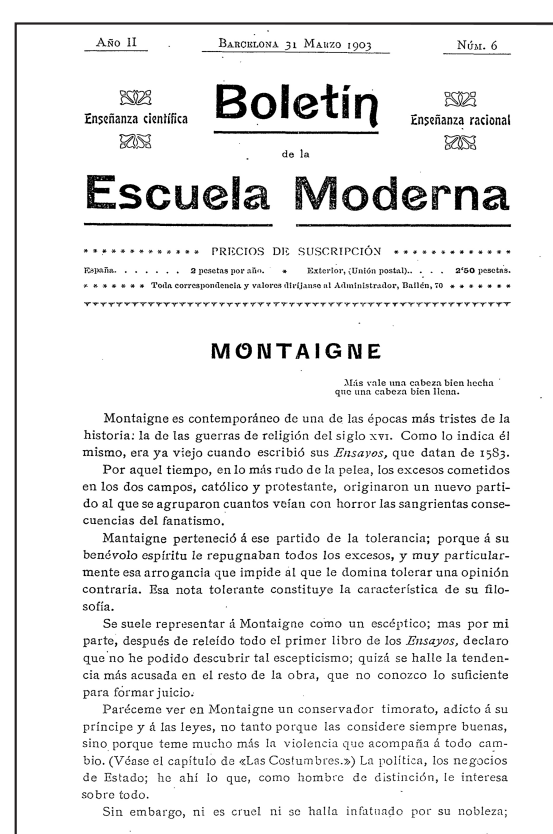
Metodologia

Com a finalidade de resgate e análise de experiências pedagógicas libertárias, realizou-se um levantamento bibliográfico e histórico das Escolas Modernas da Espanha e do Brasil, adquirindo materiais no Acervo Edgard Leuenroth (UNICAMP) e no Centro de Memória da Educação (FE-USP). Além disso, visamos alentar o debate sobre essas práticas na atualidade tentando trazer uma breve discussão acerca das potencialidades e limitações de um ensino anarquista dentro das estruturas escolares conhecidas, participando de atividades docentes em uma escola municipal localizada na periferia da cidade de Campinas. Baseamo-nos, para tal, no pensamento de Ferrer e de Reclus, dando ênfase no que diz respeito aos *Estudos de Meio*, que seriam, segundo este último autor, os melhores métodos de ensino para que seja possível a criação de um conhecimento verdadeiramente ativo e autônomo.



Élisée Reclus: geógrafo e anarquista francês, defensor de uma Pedagogia Libertária.

Buscou-se, portanto, a contextualização do momento histórico do surgimento das escolas anarquistas no Brasil, destacando os principais pontos de divergência entre elas e aquelas instituições de ensino existentes na época. Tais anseios tornaram-se possíveis unicamente devido ao resgate do *Boletim da Escola Moderna*, instrumento de divulgação de textos, atividades desenvolvidas pelas escolas e transparência com relação às despesas e receitas angariadas de forma colaborativa; e do jornal *O Início*, que consistia em um órgão de divulgação produzido pelos estudantes, contendo atividades desenvolvidas pelos próprios, incluindo relatos de saídas a campo e excursões, ao que nos detivemos mais minuciosamente.



Capa de um dos exemplares do Boletim de la Escuela Moderna, de Barcelona.



Capa de um dos exemplares do Boletim da Escola Moderna (à esquerda) e do jornal O Início (à direita), ambos produzidos pela Escola Moderna nº1, de São Paulo.

Conclusões

Apesar de as distintas propostas elaboradas pelos mais diversos pensadores anarquistas serem, por vezes, de fácil identificação nas demais correntes de pensamento do campo da Educação (tanto nas mais progressistas quanto nas mais conservadoras, obviamente que para fins outros que não os almejados pelos libertários), torna-se cada vez mais complicado tratar de uma Pedagogia Libertária no que diz respeito ao ensino formal. Uma das explicações está no simples fato de o Estado deter todos os aparatos jurídicos e continuar sendo responsável pela organização e desenvolvimento das instituições reprodutoras de valores sociais, sendo a escola um de seus grandes trunfos.

Uma mudança efetiva, portanto, não deverá vir dessas instituições, tornando-se necessário valorizar cada vez mais os ambientes de ensino informal (bibliotecas, centros de cultura, grupos de estudo e de atuação em movimentos sociais etc.), verdadeiros formadores de opinião, e buscar continuamente a revolução cotidiana – ou cotidianamente a revolução contínua – dos indivíduos para uma eficaz e efetiva mudança social. Quanto a isso, o Anarquismo mantém-se atual como nunca.

Simpáticos ao pensamento de Reclus, acreditamos que apesar de impossível a realização desta experiência anarquista dentro dos moldes da Escola tradicional brasileira (em parte devido à própria sociedade que a sustenta), cabe aos professores desenvolverem metodologias próprias com a finalidade de suscitar o pensamento crítico dos alunos na tentativa de gerar pontos de instabilidade e ruptura dentro das salas de aula. Neste sentido, os *Estudos de Meio* detêm uma grande potencialidade.



Escola Moderna nº1. Retrato de 1913. Na placa, ao fundo, encontram-se os dizeres: "Ensino Racionalista".

Bibliografia básica

CODELLO, Francesco. "A boa educação": experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill. vol.1. São Paulo: Imaginário/Ícone, 2007.

FERRER I GUÀRDIA, Francesc. *A Escola Moderna*. Ateneu Diego Giménez: Piracicaba, 2010. Disponível em: < <http://ateneudiegogimenez.files.wordpress.com/2010/10/adg-a-escola-moder-na.pdf> >. Acessado em: 04-mai-2012.

GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira. *Anarquismo: uma introdução filosófica e política*. 2ªed. Achiamé: Rio de Janeiro, 2006.

_____. *Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação*. Campinas: Papirus, 1995.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *A formação pedagógica do professor de geografia e as práticas interdisciplinares*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo: [s.n.], 1994.

RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário/Expressão & Arte, 2002.

_____. *Anarquia pela Educação*. São Paulo: Hedra, 2011.

_____. *La enseñanza de la Geografía*. In: *BOLETÍN de la Escuela Moderna*. año II, núm.6. Barcelona, 31 marzo 1903.

_____. *O Homem e a Terra: educação*. São Paulo: Imaginário/Expressão & Arte, 2010.

Outros documentos:

BOLETIM da Escola Moderna. São Paulo (1918-1919). nºs 1, 2 e 3-4. Arquivo João Penteado. Centro de Memória da Educação. FE-USP/Arquivo Edgard Leuenroth. UNICAMP.

O INÍCIO. Periódico escolar. São Paulo (1915-1916). nºs 2 e 3. Arquivo João Penteado. Centro de Memória da Educação. FE-USP.